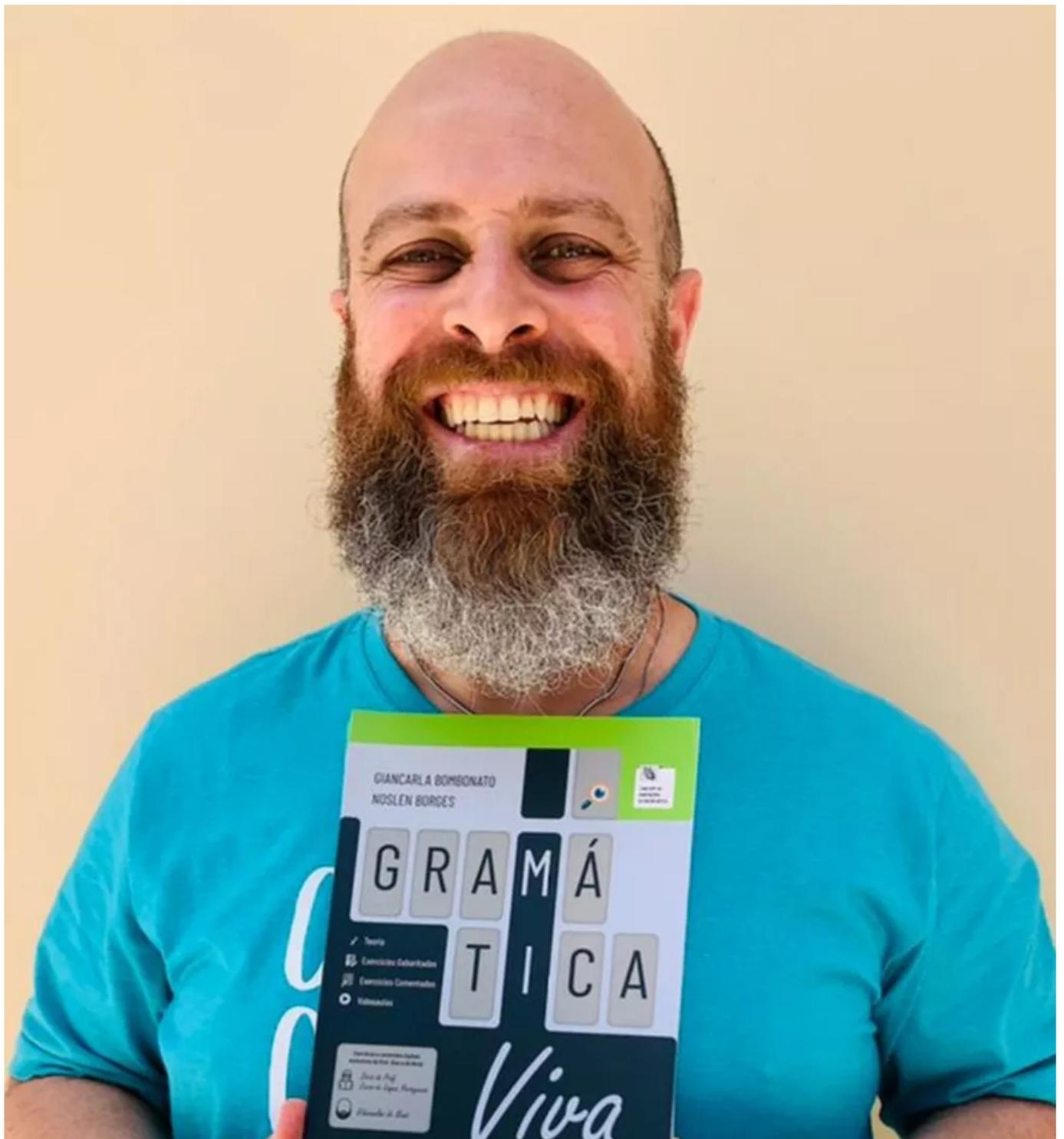


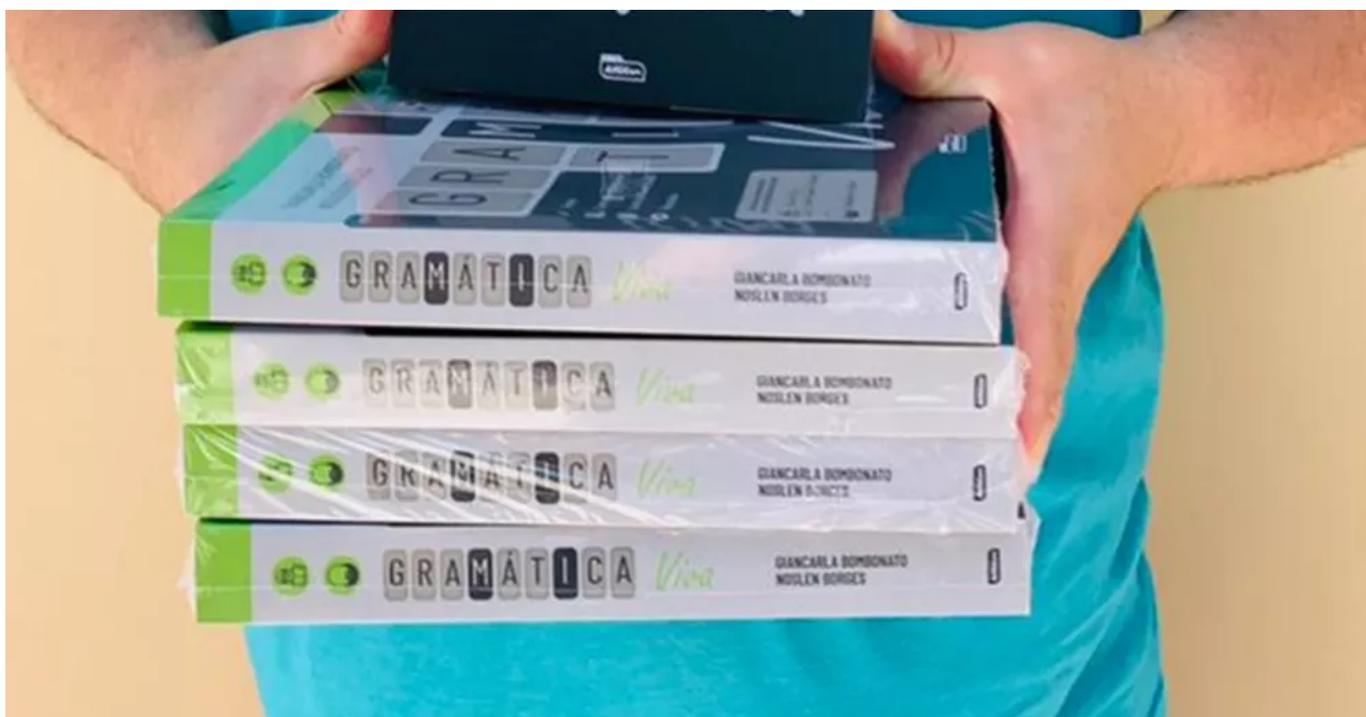
## ‘Todes’, ‘empoderamento’: redes sociais e lutas identitárias mudam a língua portuguesa

Variações do idioma em geral são inevitáveis, segundo especialistas

Por Rubem Barros — Para o Valor, de São Paulo

08/10/2021 05h02 · Atualizado há 58 minutos





Em vez de banir o celular em sala de aula, o professor Noslen Borges de Oliveira criou canais nas redes sociais — Foto: Reprodução/Facebook

**Noslen** Borges de Oliveira leciona há 18 anos. Filho de mãe professora e pai militar, demorou a definir o que queria fazer da vida. Como era bom comunicador e sempre tivera facilidade com a **língua portuguesa**, optou pela disciplina e ingressou num curso de letras. Formou-se e foi trabalhar na educação básica, em classes de ensino fundamental 2 e ensino médio. Mais tarde, também foi para um curso pré-vestibular.

Em 2015, notou que o uso do smartphone, principalmente entre os jovens, estava se alastrando. Resolveu contrariar a orientação das escolas, que o aconselhavam a fazer com que os alunos mantivessem os celulares desligados, e descobriu um nicho que ia muito além das salas de aula: o ensino de regras e **questões gramaticais**, aliadas a conselhos de estilo e clareza no manejo da **língua portuguesa**.

- **LEIA MAIS: Evanildo Bechara: "A língua portuguesa não mudou, quem mudou foi a roupa"**
- **Se não há certo nem errado, como ensinar português?**
- **Clichês que aborrecem e eufemismos inócuos**
- **Manias, cacoetes e erros que infestam os textos**

"Levei a língua portuguesa para o celular. Criei um canal no YouTube e, quando vi que a coisa estava dando certo, abri canais nas outras redes sociais", conta Noslen, cujo nome é o anagrama de Nelson, como se chamava seu pai.

Hoje lecionando apenas no terceiro ano do ensino médio, para não perder contato com as novas gerações e com os exames de seleção para as universidades, Noslen virou um fenômeno no YouTube. Seu canal tem mais de 3,5 milhões de assinantes e ele já lançou uma gramática, tendo como foco os adolescentes.



Para a editora e tradutora Ibraima Tavares, o sinal vermelho deve se acender quando o que está em jogo é a sintaxe do idioma, não a semântica — Foto: Reprodução

Seu sucesso diz muito não só sobre como alguém com espírito empreendedor pode se valer do alcance das redes sociais, mas também sobre as dificuldades que muitos brasileiros enfrentam com a língua portuguesa. As próprias redes sociais colaboram para disseminar formas de se expressar e um vocabulário que fazem muito purista torcer o nariz. Mas teriam os maltratos à língua aumentado ou isso é apenas o curso natural da história?

A maioria do público de Noslen é formado por estudantes e “concurseiros”, pessoas em busca de alguma estabilidade profissional e financeira. Mas não faltam profissionais já estabelecidos. Entre as questões mais comuns estão o sentido e a grafia de determinadas palavras ou locuções, como, por exemplo, “de mais” ou “demais”. A primeira é uma locução adjetiva que pode ser substituída por “a mais”, a segunda é um advérbio de intensidade. Outras dúvidas similares, como “se não” ou “senão” e “em cima” e “encima”, também são frequentes.

Segundo o professor youtuber, outras dúvidas recorrentes são a pontuação (“para muitas pessoas, a vírgula não existe”), o uso da crase e a confusão entre as grafias comuns na internet e a língua culta. “Hoje, falamos mais do que escrevemos. Os jovens são muito sucintos na maneira com que apresentam suas dúvidas, eles as expressam sem dar muitos detalhes. Estão acostumados com emojis e têm um vocabulário limitado”, avalia Noslen.

Mas as redes sociais não são a única influência na percepção de muita gente que acha que a língua portuguesa está sendo maltratada, ou que está incorporando algumas sintaxes que lhe são estranhas. O uso frequente da língua inglesa nos mundos corporativo e cultural contribui para esse olhar. A começar pela incorporação de vários vocábulos, passando pela tradução quase literal de determinadas expressões e chegando até, em casos mais raros, a mudar a estrutura dos elementos das frases.



O editor Fernando Nuno observa com estranhamento a substituição gradativa da expressão “suicidar-se” por “cometer suicídio” — Foto: Reprodução/YouTube

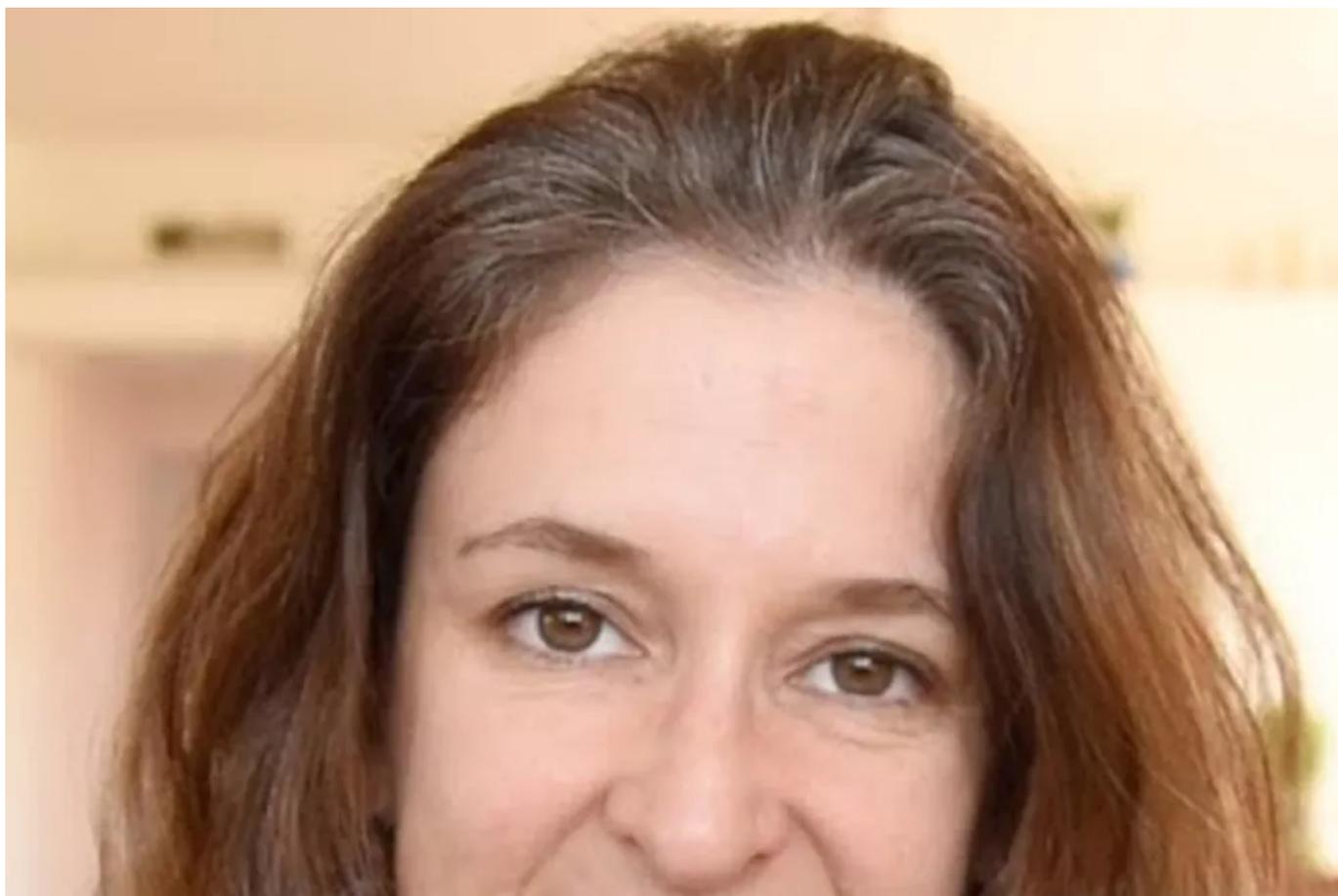
Quem trabalha com o idioma no dia a dia aponta ainda o uso indiscriminado de determinados modismos de época por influências comportamentais ou de estrangeirismos. Se nos anos 1970 e 1980 a grande vilã era a

expressão “a nível de”, substituída mais tarde por locuções que ostentavam três verbos, sendo o último deles um gerúndio - o famoso “vou estar fazendo”, ou “vou estar agregando” -, hoje em dia tem sido comum a repetição de expressões tais como “conteúdo com propósito” ou “pensar fora da caixa”. Elas poucas vezes acrescem substância ao discurso, servindo apenas para alongá-lo na tentativa de impressionar o ouvinte.

Mas há aqueles mais aferrados à tradição que acabam sendo radicais em sentido contrário, deixando no limbo algumas expressões por considerá-las impróprias, como é o caso de “por conta de” e “através”, que causam arrepios em revisores e editores que os substituem automaticamente, preferindo as formas “por causa de” e “por meio de”, respectivamente.

É o caso da editora e ex-revisora Nanci Ricci, que trabalha com livros didáticos de língua portuguesa. Ela julga, nos dois casos, que as alternativas atuais são, no mínimo, um desvio de estilo. Ricci busca exatidão nas expressões e no uso de verbos, optando por fórmulas consagradas em manuais e dicionários.

No caso dos verbos, ela cita dois exemplos, que classifica como modismos: conferir, no sentido de dar ou conceder certo atributo a alguém, “muito usado na biografia da marquesa de Santos nessa acepção, com frases como ‘conterrâneos atualmente lhe conferem...’, em lugar de lhe dão” (“Domitila, a verdadeira história da marquesa de Santos”, de Paulo Rezzutti, Geração Editorial); oportunizar, neologismo que faz a alegria não só do técnico Tite, da seleção brasileira, mas também de autores de didáticos que querem “oportunizar coisas ao aluno”.





A youtuber Janaína Viscardi não vê problema no uso da palavra “todes” — Foto: Reprodução/Facebook

Esse oportunizar tem o sentido de oferecer, verbo registrado no dicionário Houaiss, porém sem datação ou exemplos de uso. São maneiras mais complicadas de dizer coisas que seriam mais bem entendidas caso se optasse por formas mais simples. Outra recorrência da moda, lembra Ricci, é o uso de “gratidão” em lugar de “obrigado” ou de “eu agradeço”.

A editora e tradutora Ibraima Tavares tenta ser mais ponderada nas recriminações e identificar os fenômenos de mais relevância nas mudanças da língua. A língua, afinal, não é destituída de história e tem suas dinâmicas, mudando de acordo com os usos dos falantes.

No que se refere ao uso de “por conta de” ou “através” como substitutos de “por causa de” e “por meio de”, ela lembra que os dois sentidos estão dicionarizados. “Algumas coisas parecem vir de manuais de estilo. Não há nenhuma questão de gramaticalidade nesses casos.”

Mas Tavares também identifica verbos cujo uso constitui “puro decalque do inglês”. Como exemplo cita o verbo endereçar, em sentenças como “precisamos endereçar esse assunto”. “Isso vem do inglês, de ‘to address’, com significado de colocar em pauta.” Ela emenda com uma expressão de uso frequente atualmente em jornais e postagens de internet: “é sobre gratidão” ou “é sobre enfrentar o medo”, no sentido de “trata-se de”, tradução mais do que literal do inglês “it’s about”.



O escritor e jornalista Sérgio Rodrigues vê como possível a convivência entre norma culta e a língua viva — Foto: Cristovão Tezza/Reprodução

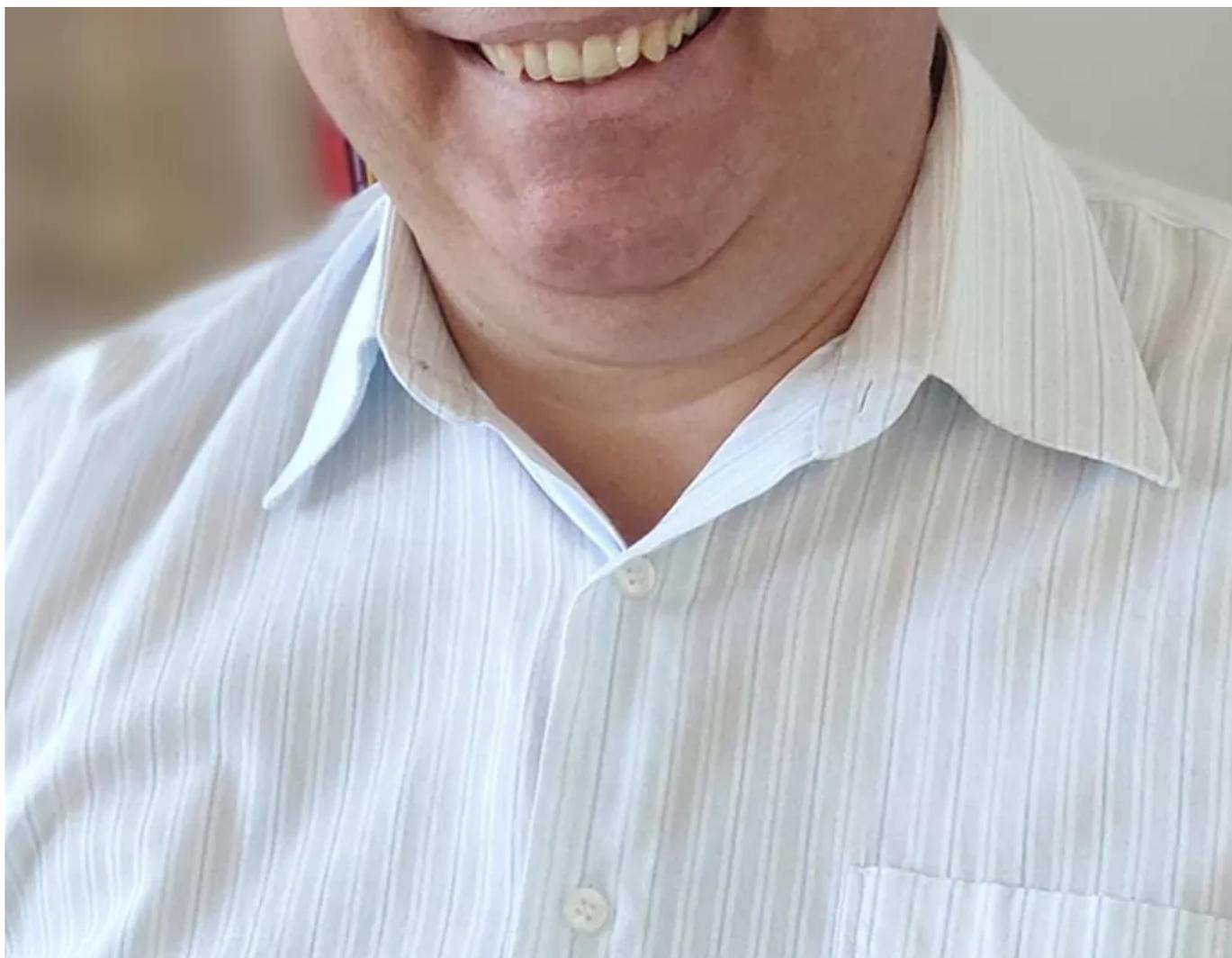
No caso dos verbos, há falsos cognatos como “to realize”, traduzido como “realizar”, quando o certo seria “perceber” ou “dar-se conta de”, ou o verbo “dispute”, que significa contestar, opor-se a, contender, mas costuma ser confundido com o substantivo, este sim passível de ser traduzido como disputa (ou conflito, contestação). Mas ela relativiza a importância desse tipo de erro.

“Os falsos cognatos têm a ver com o campo semântico, vejo isso como menos prejudicial. É natural essa mistura num mundo tão globalizado, com fácil acesso aos mais diversos textos. Mas, quando você começa a mexer na estrutura sintática [ver quadro de exemplos] de uma língua por influência de outra, isso é mais grave”, diz Tavares, vendo a função de editora “um pouco como de polícia da língua”. E deixa uma pergunta: por que será que o inglês tem força para mexer na estrutura de outra língua? Seria decorrência de os falantes de português não conhecerem bem o próprio idioma?

O editor Fernando Nuno, calejado por algumas décadas de acompanhamento das mudanças da língua portuguesa, sugere que o centro da discussão acerca de a língua ser bem falada - e escrita - está no cuidado que se tem com ela. E reconhece que muito do que aceitamos ou rejeitamos tem que ver com o nosso jeito de dizer as coisas, quanto já o estabilizamos. “Um exemplo pessoal: quando se generalizou o uso de ‘posicionar’ e ‘posicionamento’, achei horrível, uma vez que temos outras palavras que faziam o papel dessas de forma mais elegante (e ainda me parece assim). Algo como quando começaram a falar ‘refrescância’ no lugar de ‘frescor’”, exemplifica.

Nuno cita outros exemplos de mudanças que soam estranhas a seus ouvidos. Como verbos cujo uso consagra a perda do pronome que os acompanhava, como é o caso de “suicidar-se”, que sofre mutação para a locução verbal “cometer suicídio”. “Ninguém mais ‘se suicida’. Às vezes, na edição de algum livro em que alguns personagens ‘cometem suicídio’, peço que se altere o texto aqui e ali, para que alguns ‘se suicidem’, enquanto outros ficam ‘cometendo’”, diz bem-humorado o “relator” de tantos óbitos.





Para o linguista Marcelo Módolo, a fala reflete mudanças sociais — Foto: Reprodução/Facebook

A esses exemplos, Nuno acresce mais um de expressão incorporada do inglês, com registro desviante não só no português, mas também no francês. É a hoje comuníssima expressão “estar” ou “ficar confortável”, no sentido de sentir-se cômodo ou à vontade com algo ou alguém. “Agora todos só podem ‘estar confortáveis’, se ‘sentir confortáveis’. Ninguém mais fica incomodado com nada, todos se sentem desconfortáveis. A coisa é antiga: [o escritor Marcel] Proust ridiculariza de leve sua personagem Odette de Crécý, que afetadamente usava palavras em inglês; ele coloca aspas em ‘comfortable’ quando o termo se refere a gente”, exemplifica.

Mas a maior crítica do editor com os termos incorporados e os desvios de sentido da língua diz respeito ao monopólio de certas palavras e expressões em detrimento de outras equivalentes, numa pauperização do discurso.

“Muitas vezes, a palavra exata, o ‘mot juste’, não nos ocorre, e acabamos lançando mão de outra de sentido análogo. Se, além de original, a troca parece criativa para nós ou para quem nos lê ou escuta, o uso se generaliza”, diz, resumindo seu ponto de vista. O problema maior é a falta de variação.

Se é natural que aqueles que têm a língua escrita como seu ganha-pão vejam com reservas as licenças muitas vezes pouco poéticas de que o idioma é vítima, é fato, como já dito, que sua modificação ao longo dos tempos é não só inevitável, como também reflete mudanças da vida social, como aquelas trazidas pela tecnologia ou pela ascensão de grupos sociais antes relegados ao anonimato. E também estampa os câmbios de visão acerca da própria língua nos âmbitos acadêmico e normativo, incorporando novos usos.



O linguista Carlos Alberto Faraco comprova numericamente que os estrangeirismos em uso no Brasil não são tão frequentes quanto se costuma afirmar — Foto: Reprodução/Facebook

É o caso, por exemplo, de “empoderar” ou “empoderamento”, do inglês “empower”, ou “empowerment”, muito usado pelos movimentos em defesa de negros, mulheres e LGBTQ +. “Não havia palavra que expressasse a mesma ideia em português. Nesse caso, supriu uma lacuna da língua”, afirma Ibraima Tavares.

Além disso, em tempos de lutas identitárias no Brasil e no mundo, os grupos que sempre estiveram à margem dos centros do poder disputam posições em várias frentes, e uma delas é a linguagem. A youtuber Janaína Viscardi, a Jana, doutora em linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é uma das defensoras da linguagem inclusiva de gênero, que adota o /e/ no fim de palavras em lugar do masculino genérico, como “todes” em lugar de “todos”.

Viscardi lembra que o fenômeno não é tão novo, já estando em pauta com a adoção do feminino de várias palavras, em sintonia com o enorme avanço das mulheres no mundo do trabalho, como no uso de “presidenta”, termo que ganhou luzes com a posse de Dilma Rousseff em 2011. Nesse caso, o original já era uma forma neutra, “presidente”, mas a opção pelo feminino foi uma maneira de reafirmar o espaço ganho pelas mulheres na política.

Se essas novas formas vão ficar ou não, depende de quanto serão usadas pela população e do contexto social, avalia a linguista. “Isso tem entrado em várias línguas mundo afora, como no francês. A língua sempre sofre pressões sociais, de governos e da adoção de novas formas em instituições como a escola. Alguns linguistas dizem que isso é algo mais profundo, pois exige mudança de outras palavras próximas”, diz Viscardi.



## Neologismos, clichês e mal-entendidos

### Construções que alteram a sintaxe da língua portuguesa

Construção	Origem	Como é/era em português
Esse horário (isso) funciona pra você?	Tradução de “does it work for you”, do inglês	Esse horário é bom para você?/Podemos marcar nesse horário?
Deixe-me saber...	Do inglês “Let me know”, comum em e-mails	Por favor, me diga (ou informe sobre...)
O carro do José foi roubado	José had his car stolen (voz passiva comum no inglês)	Roubaram o carro do José/ O carro do José foi roubado.
Maria testou positivo para covid	Maria tested positive for covid (inglês)	Maria teve diagnóstico de covid.

### Falsos cognatos

Verbo/expressão original	Tradução “decalque”	Sentido da expressão em português
To realize	Realizar	Perceber, dar-se conta de
Dispute	Disputar	Contestar, opor-se a
Being comfortable	Estar confortável	Sentir-se à vontade, cômodo (ser confortável é um atributo de objetos, como um sofá)
Exquisite	Esquisito	Refinado, primoroso

### Verbos cuja regência mudou/está mudando

<b>Vacinar</b>	Está virando intransitivo (“eu vacinei”)
<b>Obedecer</b>	Supressão da preposição “a” (“Obedecer o juiz”, em vez de “obedecer ao juiz”)
<b>Assistir</b>	Supressão da preposição “a” (“assistir o filme”, em vez de “assistir ao filme”)
<b>Preferir</b>	É muito raro ouvir alguém dizer que prefere isso “a” aquilo, tornou-se prática preferir isso “do que” aquilo

### Palavras/expressões que viraram chavões...

- Agregar valor
- Pensar fora da caixa
- Gratidão
- É sobre...
- Propósito
- Protagonismo

### ... e outras que são fortes candidatas

- Incontornável
- Seja sua melhor versão

### Supressão da preposição em orações relativas

- A casa (de) que eu gostei
- O apartamento (em) que eu moro
- A pessoa (com) que(m) conversei

### Verbos usados em excesso, muitas vezes com sentido inadequado

■ Posicionar	■ Endereçar
■ Colocar	■ Alinhar
■ Sugerir	■ Oportunizar
■ Funcionar	■ Conferir
■ Adjudicar (no lugar de julgar)	■ Possuir
	■ Sinalizar



Em seu livro “Viva a língua brasileira”, lançado em 2016, o jornalista, escritor e colunista Sérgio Rodrigues fala da proposta de sua abordagem sobre o idioma como uma “aposta de que é possível cultivar a variedade culta da língua e ao mesmo tempo compreender que regras são historicamente determinadas”, que elas não caem do céu e são passíveis de atualização em função dos usos dos falantes.

Rodrigues descreve o alerta que lhe fez o escritor israelense Amós Oz mais de uma década atrás ao falar do idioma hebraico. Ele ouviu que era necessário cuidado, como quando se toca um órgão numa catedral, em que os sons produzidos ecoam o passado contido naquele espaço, ao mesmo tempo que dialogam com o novo. “Se você tocar sem querer certas cordas bíblicas, soará grotesco, ridículo. Isso é ótimo para a paródia e a ironia, mas você precisa saber o que está fazendo. É um campo minado”, relata o jornalista.

Seu livro é uma tentativa de atravessar esse campo e sair inteiro do outro lado. Resultado em grande parte das consultas de leitores do tempo em que era colunista de “O Globo”, a obra esclarece dúvidas que à primeira vista podem parecer simples, identifica formas mais recomendáveis e impropriedades ou deselegâncias linguísticas.

Vai desde a elucidação do feminino de elefante, curioso exemplo que revela, segundo ele, uma falha do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), da Academia Brasileira de Letras, à justificativa do uso de “making of”, passando por vários outros exemplos. No caso de elefante, o feminino é elefanta, e não elefoa, como registrado no Volp, fórmula que não tem “a menor sustentação etimológica ou morfológica”.

Já sobre “making of”, o autor, que não é cultor da adoção irrestrita de estrangeirismos, ressalta que a expressão tem sentido mais preciso do que “cenas de bastidores”, que não dá conta de evocar o registro do processo de produção de objetos culturais. E acresce um fato que o popularizou: sua inclusão nos extras dos DVDs.

No quesito verbos onipresentes, entram “sinalizar” (“mais um ‘a nível de’ na área”), substituto de ao menos 17 outros verbos, indício de discurso empobrecido assim como o não citado “colocar”, um campeão de audiência do meio acadêmico, em que falar, dizer, concluir, objetar e tantos outros foram substituídos pela dupla “colocar”/“fazer uma colocação”.

Os dicionários, conclui-se pela leitura de alguns dos verbetes, são grandes esponjas que absorvem a língua que o povo fala, havendo ou não similares nacionais melhores ou piores. Mas, apesar de o processo às vezes parecer um tanto fortuito, as raízes estão na fala, como bem o demonstra o já dicionarizado termo “randômico”, derivado do adjetivo “random”, do inglês, que quer dizer aleatório, casual, fortuito. Mas seu uso na computação trouxe a fidelidade dos técnicos que, entre outras coisas, fazem nossos computadores funcionarem. Melhor não discutir.

Em relação aos estrangeirismos, em especial os anglicismos (os mais frequentes em tempos atuais), o linguista Marcelo Módolo, professor de filologia e língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), acrescenta algumas informações para suavizar os incômodos com a incorporação de estrangeirismos e outras mudanças.

Módolo lembra do artigo “Emergent Grammar” (1987), do linguista inglês radicado nos Estados Unidos Paul Hopper, até hoje muito citado nesse campo de pesquisas. “Ele diz que a gramática emerge a todo momento, principalmente no que se refere à língua falada. Porque língua é fala. Escrita é outra coisa, é influenciada pela escola. E a gramática da língua se refaz o tempo todo. Mas a língua muda efetivamente quando você mexe na sintaxe. Quando são mudanças no léxico, de vocabulário, são coisas muito superficiais.”

É natural também que a maioria das mudanças provenha dos EUA, por se tratar de um país com domínio socioeconômico e cultural no Ocidente. As grandes mudanças sociais também têm o efeito de provocar alterações na língua falada.

Módolo cita um exemplo descoberto por uma aluna que pesquisou ofícios do correio no século XIX. Ela verificou que o tratamento mais comum antes da Proclamação da República era “ilustre senhor”. “Com o advento da República, essa forma mudou para ‘ilustre cidadão’. Veja como um evento social forte fez com que mudassem as formas de tratamento numa instituição que era então sinônimo de Brasil”, diz.

Módolo frisa aspectos interessantes da incorporação de palavras estrangeiras. O primeiro deles é o alargamento dos sentidos. No caso de “point”, por exemplo, que em inglês significa “ponto” ou “ponto de vista” (“point of view”), em português ganha novas acepções de qualificação de locais, como em “tal lugar virou point”, com sentido de

muito frequentado. Ou “deletar”, que ultrapassa o sentido original de apagar ou destruir, para ganhar a acepção de “esquecer”, como em “quero deletar essa pessoa da minha vida”.

A importância de estrangeirismos é bem menor do que se imagina, diz o linguista Carlos Alberto Faraco, autor de “História sociopolítica da língua portuguesa” e professor aposentado da Universidade Federal do Paraná. Para corroborar essa tese, ele cita dois exemplos. O primeiro diz respeito a um levantamento que contabiliza os anglicismos desde os anos 20 do século passado até este século. Nesse intervalo foram registrados cerca de 4 mil vocábulos. “São 4 mil registros em um século. Se fizermos um pente-fino, quantas dessas palavras sobraram? Trezentas? Quatrocentas? É um impacto mínimo num universo de aproximadamente 200 mil palavras contabilizadas no Houaiss”, conclui.

O outro argumento para certificar que a tese é superdimensionada é uma polêmica em que um leitor de jornal acusa o escritor José de Alencar (1829-1877) e outros intelectuais da época de desvirtuar a língua com o uso de galicismos, na época nossa principal influência linguística. A polêmica durou por volta de três semanas e, pouco tempo depois, mereceu três crônicas de Machado de Assis (1839-1908). “Ele debocha daquele sujeito que queria substituir todas as palavras estrangeiras por outras inventadas, com raiz portuguesa. É um tema que vai e volta”, diz Faraco.

E o que, então, está mudando na língua portuguesa? Faraco cita algumas recorrências. Uma delas é a tendência à supressão, na fala, das preposições em orações relativas, como em “o filme (de) que eu gostei”, “a casa (em) que eu moro”, “a pessoa (com quem) eu conversei”. Os termos entre parênteses nos primeiros dois exemplos se mantêm na escrita, mas desapareceram na comunicação oral - ou, no caso de “com quem” eu conversei, foi trocado por “que” eu conversei.

Outro “sumiço” é o da preposição “a” nas orações diretas, como em “obedecer (a)o juiz”. “A regência dos verbos é muito instável, principalmente com a preposição ‘a’”, diz Faraco. Um caso presente é o de “assistir (a)o jogo”, em que também só aparece na escrita, tendo sumido da fala. Mas há outros casos em que alguns verbos transitivos diretos “ganham” a preposição, como em “presidir (a)o julgamento”. Provavelmente em virtude da confusão na hora de transpô-lo para a escrita.

Se as mudanças de sintaxe não ocorrem em proporção suficiente para ligar o alarme de linguistas, são bastante perceptíveis para aqueles que trabalham para depurar os textos alheios, como a editora Ibraima Tavares. Ela menciona algumas construções destoantes em relação à sintaxe do português: “Me parece estranho dizer que ‘alguém foi diagnosticado com covid’. Você recebe o diagnóstico de uma doença, de covid. A doença é que foi diagnosticada, o paciente recebeu um diagnóstico. É uma construção estranha, uma sintaxe que não é da nossa língua”.

Outro caso é o uso de uma voz passiva importada do inglês, comum nos jornais, como em “Fulano teve o carro roubado” (“he had his car stolen”). “Não me lembro de nenhum uso na literatura desse tipo de construção. Você diz ‘roubaram o carro de fulano’ ou o ‘o carro de fulano foi roubado’”, diz a editora.

Esse tipo de construção, seja ou não por influência do inglês, é caracterizado como topicalização ou construção de tópico, explica Marcelo Módolo. “Fala-se que as pontas das sentenças são suas partes mais importantes. Se a informação do roubo do carro é mais importante, alguns falantes jogam para o topo ou para início da sentença, por ser a informação semântica que se quer destacar”.

As já mencionadas diferenças entre língua falada e língua escrita não são exclusividade do português. Ambas são intercambiantes, predominantemente da fala para a escrita. “Mas é claro que as mudanças na escrita são mais lentas do que na fala. E esse também é um problema histórico nosso, pois o maior domínio da escrita envolve uma boa escolarização”, diz Faraco ao explicar o provável porquê da maior distância dos dois registros no português brasileiro.

Esse talvez seja o ponto central de muitos problemas de nossa comunicação oral e escrita, que afetam aspectos como clareza e coesão. O precário domínio do português leva à incorporação excessiva e muitas vezes errada de termos em outras línguas. Isso aliado à velocidade da vida atual, traduzida em abreviações em excesso, e a uma relação por demais utilitária com o idioma (provocada, por exemplo, por concursos públicos), além da falta do hábito de leitura literária, constituem elementos que levam a uma sensação de empobrecimento linguístico.

---

## Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO

### Assento Sanitário Ibiza MDF Biscuit Sicmol

LEROY MERLIN

COMPRAR

LINK PATROCINADO

### Mobly, o melhor preço

RS 2,587.99

MOBLY

comprar

LINK PATROCINADO

### Assento Sanitário Ibiza Shell Para Louça Incepa Laufen

RS 144,81

AMERICANAS.COM

comprar

LINK PATROCINADO

### O jogo mais viciante do ano!

FORGE OF EMPIRES - JOGO ONLINE GRÁTIS

LINK PATROCINADO

### Novo método para tratar fungos nas unhas vira febre em São Paulo

NAIL CURE

LINK PATROCINADO